

JORNAL DO ESCRITOR

INFORMATIVO SOCIAL E CULTURAL DE GEORGE ANDRÉ – O ESCRITOR PILOTO

Nº 08 FEVEREIRO DE 2011

CIRCULAÇÃO DIRIGIDA NOS SEGUINTE MUNICÍPIOS DE ATUAÇÃO DO ESCRITOR: JUNDIAÍ, VÁRZEA PAULISTA, CAMPO LIMPO PAULISTA, FRANCISCO MORATO, FRANCO DA ROCHA, CAIEIRAS, CAJAMAR, SÃO PAULO, CABREÚVA, ITUPEVA, INDAIATUBA, VINHEDO, LOUVEIRA, VALINHOS, CAMPINAS, ITATIBA E JARINU.

NESTA EDIÇÃO



FLORENCE NAGHTINGALE **EXEMPLO DE VIDA, EXEMPLO DE ATITUDE**

Não é obrigação apenas de médicos e enfermeiros conhecer a vida desta mulher, mas de todos nós.

AOS LEITORES

Reflexos do problema ocorrido em dezembro atrapalharam várias atividades que eu colocaria em prática agora no início do ano, o atraso para a conclusão desta edição também foi gerado ainda como reflexo daquilo. Mas a casa está quase em ordem, agora em março minha circulação estará normal, faltando apenas o acerto do site, que se não for aquele, será outro. Che Guevara estava certíssimo quando disse “é preciso endurecer, mas sem perder a ternura”. Se a gente não endurece, os invejosos e oportunistas se aproveitam da bondade. Também gosto da expressão “enquanto os cães ladram, a caravana passa”. A função do escritor é se expressar, e a liberdade de expressão incomoda certas pessoas. Ser analfabeto não é problema, o problema é o analfabeto político, aquele que se omite da responsabilidade ou se encosta na máquina para tirar proveitos individuais. A história política mundial mostra que os vícios são antigos e passam de geração para geração, século para século. Mas até a metade do século passado, o mundo era surpreendido por seres humanos extraordinários, que fizeram história, mudaram o pensamento de multidões, tiveram atitudes que revolucionaram a sociedade para melhor. E é para homenagear o ser humano que tem coragem e atitude que esta edição é especial, fiz uma síntese da vida de Florence Nightingale, a mulher que, na década de 1800, revolucionou o conceito de hospital e estabeleceu as bases da moderna enfermagem. Num momento em que a tecnologia de ponta aplicada na medicina é ofuscada pelos sucessivos escândalos no sistema hospitalar brasileiro, mais precisamente na rede pública, convém refletirmos sobre a atitude de alguém que, há mais de 150 anos, olhou para os enfermos e inválidos com aquilo que mais falta na sociedade atual: amor e disciplina. Florence Nightingale faz parte do rol de seres humanos que está em extinção: aqueles que nadam contra a correnteza. Se perdermos estes seres humanos de vez, nenhuma tecnologia ou dinheiro substituirá e salvará o mundo.

George

FLORENCE NIGHTINGALE

A FUNDADORA DA MODERNA ENFERMAGEM

Não foi por acaso que escolhi este personagem para destacar no Jornal do Escritor. Nascida na Itália em 1820, Florence Nightingale cresceu no seio de uma rica família inglesa que viajava de carruagem pelos campos e cidades europeias. Sua vida poderia ser comparada a dos contos de fadas; tinha tudo para encontrar um amor à altura de sua família e terminá-la como todas as demais: numa bela casa (ou castelo), exausta “de não fazer nada”. Isso mesmo! Aos 18 anos de idade, começou a descobrir que aquela vida de livros, músicas e bordados, rotina de todas as jovens de sua classe social, não lhe preenchia. Passaria a vida servindo ao marido e aos filhos, como todas as mulheres daquela época.

O mundo hoje é outro, mas muita coisa pode ser ainda comparada. Semelhanças existem, basta observar. A conduta social possui em sua essência certo conservadorismo, tanto que o tal do “woman lib” aclamado no final da década de 70 (foi até tema de um desenho meu na quinta série ginásial e chamou a atenção do professor Elvio Santiago), é visto como bobagem por muitos “varões”. Mesmo com todas as “presidentas” mundo afora, a mulher precisa de muita força para ganhar credibilidade no universo historicamente masculino. Em suma, se com toda a liberdade conquistada do século 20 para o 21 ainda existem focos de resistência, imaginem como era no século 19.

Síntese de sua vida

Florence Nightingale era de família rica e não precisava trabalhar para sobreviver. Seus pais lhe davam tudo, e casando, o marido daria tudo. Com uma vida assim, se preocupar com o quê? Com a saúde? Talvez. Os pobres estavam mais sujeitos às pestes, às doenças, mas as epidemias não viam classe social. Asilos e hospitais no século 19 eram tidos como lugares sombrios, malditos, que ninguém queria cair. Os poucos médicos eram pessoas rudes e as enfermeiras não possuíam formação acadêmica, normalmente se entregavam ao alcoolismo e à depressão. Viajando com a família por vários países europeus, a jovem Florence tomava conhecimento da realidade comum a todos; pessoas felizes enquanto saudáveis. E o fim da vida quando uma moléstia chegava. Por outro lado, havia os acidentes e as guerras, que deixavam as pessoas inválidas e passivas de doenças.

Como todas as demais moças ricas europeias, Florence se divertia, ia a bailes, mas não era feliz diante da incerteza do futuro. Como ignorar a realidade que um dia poderia bater a porta de qualquer pessoa? As moças pobres, que trabalhavam em fábricas, confecções, acabavam com a saúde para receber um mísero salário, muito inferior ao dos homens? Não havia nada que indicasse que essa realidade fosse mudar. As autoridades, os militares, todos demonstravam conformismo com a situação. Florence passou anos travando uma luta em família antes de encarar o desafio lá fora. Seus pais e sua irmã, mais velha, não admitiam que ela jogasse fora um bom casamento para mudar a realidade dos idosos, enfermos e mutilados das guerras. Foram os amigos e os contatos com religiosos que deram forças para que ela, já na fase adulta de sua vida, conseguisse vencer a pressão psicológica familiar e fazer aquilo que entendia como missão. Eis alguns trechos selecionados do livro o qual fiz a síntese:

“Desde a primeira vez que pisou em um hospital, Florence percebeu que o único meio de mudar o sistema hospitalar era fazer das enfermeiras pessoas respeitáveis. Ao longo da vida, transformaria a enfermagem em uma das mais respeitadas profissões. Mais tarde escreveu: ‘Um paciente com frio e febre, fraco, mal alimentado, com escaras, não está sofrendo da doença, mas da falta de enfermagem adequada’”.

“Sempre que podia, Florence visitava os hospitais em segredo. Era comum ver duas pessoas na mesma cama. Pacientes com toda sorte de doenças se amontoavam em enfermarias sujas e desorganizadas. O cheiro era tão horrível que os hospitais eram borrifados com perfume. Os médicos cobriam o nariz com lenços. Mais tarde, Florence escreveria; ‘O primeiro objetivo de um hospital deve ser não maltratar os doentes’”.

“Em geral, havia apenas uma ‘enfermeira’ para cada enfermaria, que limpava, espanava, acendia a lareira, pegava o carvão e trabalhava das 6 da manhã às 6 da tarde sem férias regulares. Depois de cumpridas essas tarefas, podia cuidar dos doentes. Os pacientes que tinham condições de dar gorjetas conseguiam mais atenção. Aqueles que não tinham dinheiro morriam esperando por cuidados”.

“Nem sempre as enfermeiras lavavam os pacientes; jamais podiam lavar seus pés – e só conseguiam uma gota de água com muita dificuldade, o suficiente apenas para borrifar as mãos e o rosto. As camas dos pacientes eram sujas. Era muito comum colocar um doente sobre o lençol que havia sido usado pelo paciente anterior, e os colchões em geral eram de estopa, viviam encharcados e quase nunca eram lavados”.

Conhecendo a realidade *in loco*, Florence partiu para estudar enfermagem e ficou algum tempo longe da família. Ao voltar, preparada, seu primeiro trabalho não foi num hospital, mas com seu pai, que havia adquirido uma enfermidade nos olhos e precisava de seus cuidados. Esse fato acabou favorecendo o lado de Florence, pois seu pai, até então contrariado com a decisão da filha, deu sinal verde para que Florence fosse exercer sua missão.

O primeiro trabalho num hospital foi na própria cidade de Londres, onde Florence aceitou o posto de superintendência do Instituto para o Cuidado de Senhoras Carentes Doentes de Londres. Lá aplicou muito mais do que havia estudado. As conservadoras e retrógradas ideias vitorianas não faziam diferença. Florence estava anos a frente, e começou aí a revolucionar o conceito de enfermagem. Desde os cuidados básicos com a higiene à facilitação do trabalho do profissional e direitos dos pacientes, por exemplo: Florence instalou água quente em todos os andares, equipou a cozinha com elevadores para transportar a comida aos quartos, e nestes, um sistema de campainhas, para que os doentes pudessem chamar a enfermeira. Os funcionários ficaram surpresos, esperavam uma reorganização, mas nem de longe algo parecido com aquilo. Poltronas estragadas, lençóis velhos, comidos por ratos, tudo foi para o lixo. Florence, demonstrando competência e firmeza no diálogo, conseguiu não só objetos novos para equipar o local, mas alimentação boa por um quarto do preço dos mercados. Sutilmente, esta mulher rara dava a palavra final. Ela conhecia os fatos, conhecia os números. Sabia o que precisava ser feito e fazia. E ninguém conseguia esconder nada dela. Os que não concordavam, saíam. Os incompetentes saíam. Ao mesmo tempo em que ficou temida pelos funcionários mais altos, ficou querida. Florence demonstrava senso de humanidade. Era exigente, enfática, dura, mas possuía amor pelo próximo, tratava os pacientes com respeito e profunda dedicação.

Apesar da revolução na capital, foi tratando dos feridos de guerra que sua revolução na enfermagem ganhou proporção mundial e seu nome ficou para sempre registrado. A partir deste momento, a coragem, inteligência e determinação de Florence Nightingale seriam utilizadas ao máximo. Na Guerra da Criméia. Os enormes hospitais militares, longe dos centros urbanos, eram redutos de feridos que agonizavam diante de “profissionais” incompetentes, ou talvez nem tanto, pois soldados eram primeiramente vistos como números. Tal como o homem sempre tratou a natureza, morre um animal, uma árvore, busca-se outros. Soldados morriam, recrutavam-se outros. E morriam por infecção nas feridas, diarreia, cólera...eram subnutridos, fracos por uma alimentação deficiente e havia ainda a diversidade climática. Estes hospitais careciam de tudo, e Florence, devido ao seu formidável trabalho em Londres, conseguiu doações para estes

hospitais militares. A mulher guerreira só não conseguiu evitar que também ficasse adoecida, pois as circunstâncias nessa missão eram extremas. Imaginando não possuir mais tanto tempo de vida, começou a fazer relatórios, extensos relatórios sobre tudo o que precisava ser feito e mudado na enfermagem. Como os hospitais devem ser, como os profissionais da saúde devem proceder. Todos esses relatórios eram encaminhados às autoridades. Embora não quisesse fama, Florence ficou rapidamente conhecida, pois a própria população urbana não sabia das condições dos soldados que estavam na guerra. Não sabiam do sofrimento dos soldados nos precários hospitais militares. Ao mesmo tempo em que a ajuda aumentou, Florence passou a ser vista como um tipo de santidade, salvadora dos pobres soldados. A mãe e a irmã, que até então se envergonhavam e não se conformavam com a atitude de Florence, mudaram de pensamento. A fama de Florence enobrecia o nome da família, sendo que chegaram ao cúmulo de lançar objetos com o nome de Florence para vender ao povo.

Mas a missão da valente mulher continuaria por muitos anos. Florence resistiu às doenças e por mais um bom tempo trabalhou nos hospitais militares. Os próprios militares, que endureciam diante de mudanças, acabaram cedendo às idéias inovadoras dela. No início de seu trabalho, Florence só podia mudar algo com autorização do militar superior. Pouco tempo depois, ela já havia conquistado liberdade para agir, e dominava totalmente a situação. Milhares de vidas foram salvas com o que hoje chamaríamos de cuidados básicos. Florence viveu até os 90 anos, e ficou conhecida como a “Dama do Lampião”, pois nos hospitais militares não havia energia elétrica e ela circulava entre os feridos com um lampião.

No final de sua vida, governos reconheceram-na e seus relatórios, com centenas e centenas de páginas, tiveram alcance mundial e formaram a base para a moderna enfermagem. A aparelhagem dos hospitais modernos são consequência das inovações daquela mulher corajosa, que trocou o conforto e a ociosidade da vida da classe alta da era vitoriana para uma batalha que a princípio parecia impossível vencer. Mudar os hospitais e asilos. Dar tratamento digno aos idosos, doentes e feridos. Valorizar e capacitar os enfermeiros. Alguém teve que atirar a primeira pedra. Florence Nightingale atirou. E venceu. Venceu para que hoje tenhamos qualidade na saúde.

Fiz esta síntese baseando-me no livro de Pam Brown sobre Florence Nightingale, da série “Personagens que mudaram o mundo”. Após ler, não pude deixar de transmitir aos meus leitores esse exemplo de vida. A história desta mulher não deve ser conhecida somente por quem estuda medicina, mas por todos nós. A coragem, a atitude de deixar a família, o conforto do lar para transformar algo na sociedade é algo raro hoje em dia,

pois as pessoas se acostumaram a rotina, aos prazeres que a tecnologia oferece. Hoje, com tanta facilidade de locomoção, as pessoas mal conhecem o bairro ou a cidade em que moram. Quando muito, conhecem teoricamente. Precisamos de pessoas corajosas, dispostas a conhecer a realidade do mundo. Pessoas dispostas a mudar algo que não está bom e melhorar ainda mais o que está bom.

A saúde pública está muito melhor que a do século 19. Temos a tecnologia a serviço da saúde. Mas falta investimento. Se há investimento, falta fiscalização. Temos verbas disponíveis para construção e aparelhagem de hospitais, mas que são desviadas. Temos hospitais prontos, mas por burocracias ou falta de consciência dos próprios profissionais, estão vazios.

É muito importante falar também sobre a ética. Saúde não pode ser comércio. Embora ela tenha um custo, laboratórios não podem querer se comparar a uma loja de eletrodomésticos. Médicos não são empresários, comerciantes. Médicos são como sacerdotes, enquanto o sacerdote cuide da alma das pessoas por amor, o médico cuida do corpo, da saúde das pessoas por amor. Deve ser assim, e nem sempre é. Saúde pública é obrigação do município, do estado, da nação.

Que o exemplo de Florence Nightingale conquiste corações e mentes.

BLUE PRINT Comunicação Visual,
Faixas, Banners, Adesivos

DOUTOR PC Manutenção em
microcomputadores

4526 7429

Faça um orçamento sem compromisso

Para anunciar no Jornal do Escritor, entre em contato com George pelo e-mail escritorgeorge@hotmail.com

FATOS E COMENTÁRIOS

*Finalmente o povo está descobrindo uma boa arma da internet: a formação de grupos com ideais em comum. Mobilização hoje se faz pela rede, e o exemplo recente ocorreu no Egito. O mundo não quer reis ou ditadores, sejam de esquerda ou de direita. Mas o povo também não pode aceitar a democracia do pão e circo como a nossa. Liberdade sim, mas com disciplina e punição rigorosa para aqueles que prejudicam o próximo.

*Falando em justiça, é difícil o ser humano compreender a trajetória do planeta terra, a missão do homem e o conceito de “destino” ou “pré destino”. Se “Deus escreve certo por linhas tortas” como está na boca do povo, tudo tem um porquê, inclusive dentro das tragédias. O terremoto que arrasou a segunda maior cidade da Nova Zelândia me fez lembrar uma infeliz colocação feita por um colega a respeito do terremoto no Haiti ano passado; “toda aquela destruição é porque o povo haitiano pratica feitiçaria, cultua imagens, faz vudu e aquela coisarada toda...” O que diria o cidadão agora diante da destruição de Christchurch, uma cidade cuja maioria é protestante? Se ele criar consciência, descobrirá, ainda que tarde, que para Deus todos são iguais, não importa nação, igreja ou partido político. Maldito o homem que cria contendas por raça, nacionalidade, crença ou ideologia. Malditas também as bocas que proferem asneiras.

*TV Tem fez extensa matéria a respeito da falta de investimento na saúde pública na região sul do estado mais rico da nação. Já havia escrito artigo sobre essa questão, agora os repórteres, em Sorocaba, mostraram e provaram a omissão dos últimos governos paulistas. Enquanto investiram nas candidatas a região metropolitana (São José dos Campos, Sorocaba, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto), deram as costas para as micro e médias regiões, que engloba o extremo sul (região de Itararé), Alta Paulista (região de Tupã, Dracena) e Pontal do Paranapanema. Em outras palavras, quem mora nas regiões mais carentes do estado, precisa se locomover mais de 100 quilômetros para tratar da saúde nos hospitais regionais das grandes cidades. Isso se conseguir chegar. Em caso de acidentes, o cidadão morre, como presenciei certa vez, o trabalhador rural que sofreu queimaduras de terceiro grau em Coronel Macedo (sul do estado) e foi levado de ambulância até Botucatu, mais de 100 quilômetros de Coronel Macedo. Não conseguindo internação em Botucatu, a ambulância percorreu outros cento e tantos quilômetros até Jundiaí, onde a vítima chegou morta (fato que presenciei, pois eu estava no hospital no momento da chegada dele). Foi então que o motorista da ambulância me falou (desabafou): “A questão da saúde está crítica, mas eles (os políticos) abafam”.

*Outro ponto delicado e que nenhum político gosta de falar, é bombeiro. Bombeiro é para emergência, e emergências acontecem em qualquer lugar, quando menos se espera. Todo município deveria ter uma equipe, mesmo que pequena, ou voluntários treinados para agir enquanto a equipe não chega. A região de Jundiaí sofreu até pouco tempo atrás, somente a base de Jundiaí para atender toda a região que compreende a Serra do Japi (Itupeva e Cabreúva), a região oposta (Várzea, Campo Limpo, Francisco Morato) e Louveira. Há pouco tempo que Itupeva recebeu uma base de bombeiros, o que não alivia. Várzea e Campo Limpo precisam ter unidades, pois são cidades cuja população dobrou nos últimos anos, possuem bairros em encostas íngremes e uma extensa área que quase todo ano apresenta focos de incêndio (Serra do Mursa, Serra de Botujuru e dos Cristais). Engraçado que município (Jundiaí) e estado há muito tempo que são do mesmo partido, no entanto não se investiu de acordo em bombeiros na região. Imaginem então no restante do estado...

*A população necessita de bombeiro, serviço de resgate... acidentes qualquer um de nós pode sofrer, onde menos se espera. Mas observo que não há cobrança da parte do cidadão. Nunca vi uma linha escrita por leitores (cidadãos comuns) num jornal da região sobre o assunto. Não é a toa que de tanto eu ligar no 156 (há mais de 10 anos atrás) e cobrar isso e aquilo, em certo momento a atendente indagou: “o senhor representa alguma associação...?” Não, apenas exerço a cidadania. E digo a vocês; façam o mesmo, quando eles percebem que você é esclarecido, sabe o que está cobrando, eles atendem. E resolvem.

*O buraco na calçada na Rua França (fotografado e mostrado neste espaço), foi fechado uma semana depois. Antes tarde que nunca. Já uma obra bem maior foi realizada na Rua Jol Fuller neste mês de janeiro, que deixou o asfalto todo remendado. Dessa vez a boa vontade funcionou e recapearam todo o trecho da Anchieta até a Bonifácio José da Rocha. Mas como não há fiscalização para constatar se o serviço foi realmente bem feito, largaram restos de asfalto na calçada ao lado da residência que fica na esquina com a Bonifácio (coincidentemente a residência do ex diretor do Conde do Parnaíba) e outro tanto na calçada da academia Via Brasil. No entaaaanto, a novela não acabou aí. Esta semana arrebentaram o asfalto novo na frente do Gasparian porque deu algum problema no serviço realizado. É mole ou querem mais?

*Enquanto visarem quantidade e não qualidade... será sempre assim.

ANIVERSARIANTES DE FEVEREIRO

NELSON ALMIR – Jundiaí
MARIA CRISTINA M. REZENDE – Paulínia
JOSÉ MAURÍCIO – Jundiaí
GEORGE ALBERT – Rio de Janeiro
PAULO FERNANDO – Jundiaí
RENATO FRANCISCO – Jundiaí
RODOLFO M. PEREIRA – Jundiaí
TATIANE MARCONDES – Jundiaí
MAICON ALESSANDRO – Jundiaí
FRANCISCO JOSÉ – Curitiba
PAULO ROGÉRIO G. – Jundiaí
WAGNER A. OLIVEIRA – Santo André
VANDERLEY SILVA – Jundiaí
KÁSSIA NOGUEIRA – Guaíra
CLAUDINEI H. SILVA – Jundiaí
ALEX FILIPE – Jundiaí
ALEXANDRE NICOLA – Jundiaí
ELAINE FLORÊNCIO – Jundiaí



meusrecados.com